

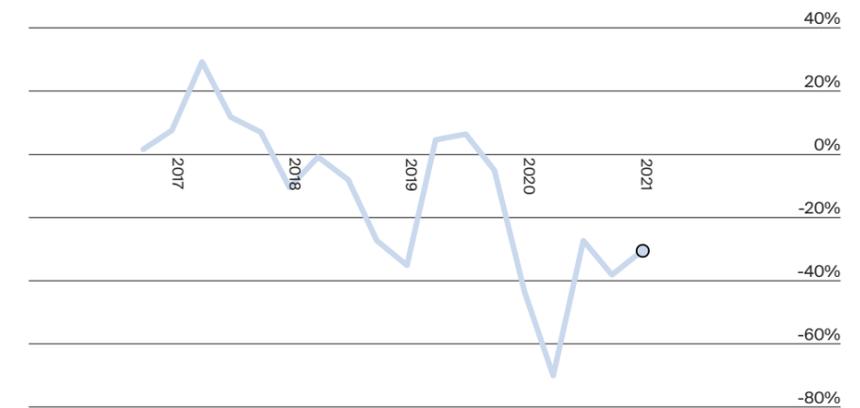
# análise trimestral de conjuntura à indústria de calçado

**1º TRIMESTRE  
2021**

PORTU  
GUESE  
SHOES  
APICCAPS

# produção

A indústria portuguesa de calçado continua a sentir os efeitos da pandemia, mas há sinais de um desagravamento da conjuntura. No primeiro trimestre de 2021, a percentagem de empresas que indicaram uma redução na produção desceu ligeiramente e subiu a das que referiram um aumento. Consequentemente, registou-se uma melhoria no saldo de respostas extremas (s.r.e.) que passou de -37 pontos percentuais (p.p.), no trimestre anterior, para -31 p.p., agora. O registo de respostas negativas continua a ser mais acentuado nas empresas que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional.

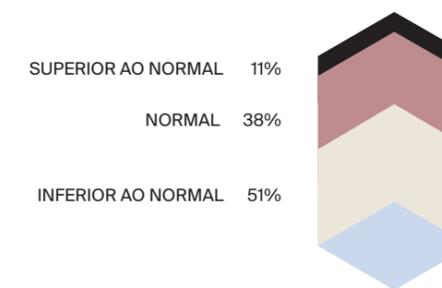


EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

No primeiro trimestre de 2021, a maioria dos indicadores da indústria portuguesa de calçado evoluíram favoravelmente, mas mantiveram-se em terreno negativo. Assim aconteceu, nomeadamente, quando à evolução da produção, da utilização da capacidade produtiva e da carteira de encomendas que, embora ainda de sentido negativo, foi a menos negativa desde o início da pandemia de COVID-19. Esta, no entanto, deixou marcas e a tendência de evolução do emprego no setor permanece desfavorável. A escassez de encomendas de clientes estrangeiros continua a ser a principal preocupação dos empresários, mas a percentagem de empresas que a referem diminuiu, tendo, pelo contrário, aumentado a das que estão preocupadas com o abastecimento de matérias-primas, o que é consistente com um cenário de recuperação da atividade.

As perspetivas económicas para o futuro próximo são marcadas por uma grande incerteza, mas a indústria está a recuperar o seu otimismo. Pela primeira vez nos últimos dois anos, são mais as empresas que preveem um aumento da produção no próximo trimestre do que as que receiam a sua diminuição. As empresas acreditam que o estado dos negócios no segundo trimestre de 2021 será o mais favorável desde o início da pandemia.

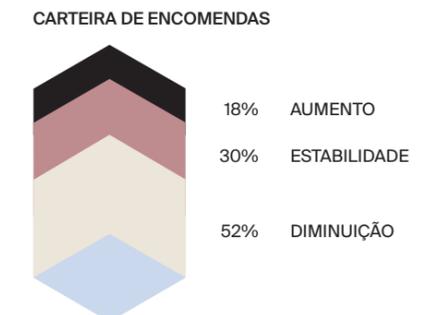
# utilização da capacidade



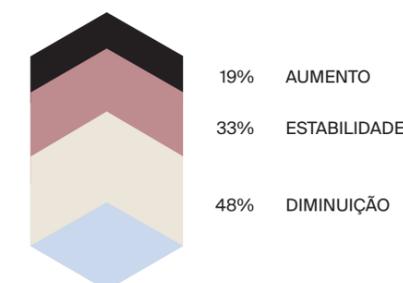
Embora cerca de metade das empresas (51%) considerem que o nível de utilização da sua capacidade produtiva, no primeiro trimestre, foi inferior ao normal para a época do ano, a percentagem das que indicaram que foi superior ao normal aumentou, face ao período anterior, de 3 para 11%. O saldo de respostas extremas, apesar de ainda substancialmente negativo (-40 p.p.), foi o menos desfavorável desde o início da pandemia.

# carteira de encomendas

As respostas relativas à carteira de encomendas revelam a mesma tendência: embora a maioria das empresas (52%) continue a sentir uma diminuição da sua carteira de global de encomendas, verifica-se uma melhoria significativa do saldo de respostas extremas, que regista o valor menos negativo desde o início de 2020 e recupera de -49 p.p., no último trimestre do ano passado, para -34 p.p., neste trimestre.



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

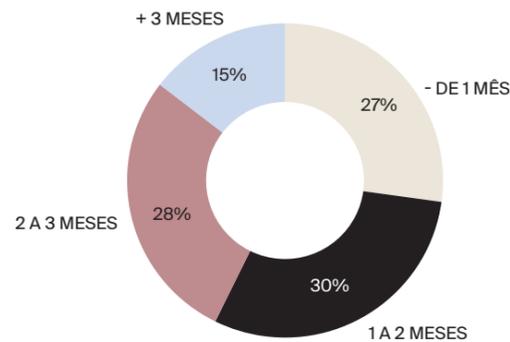


A carteira de encomendas do estrangeiro evoluiu de forma mais favorável, havendo já uma maioria de respostas que apontam para a sua estabilização (33%) ou aumento (19%). O saldo de respostas extremas (-29 p.p.) é também o menos negativo do último ano e tanto mais favorável quanto maior a dimensão das empresas, com exceção das que empregam mais de 250 trabalhadores.

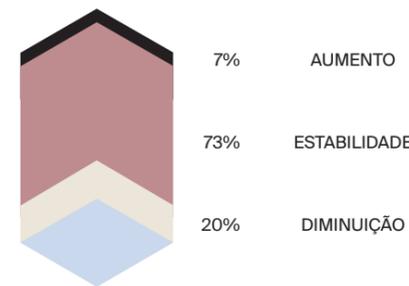
# horizonte

As perspetivas das empresas quanto à produção assegurada pela carteira de encomendas são já semelhantes às registadas antes da pandemia. Mais de um quarto das inquiridas indicam ter atividade garantida para 2 a 3 meses e 15% afirmam tê-la garantida para mais de três meses. Entre as empresas que empregam mais de 100 trabalhadores, estas respostas são claramente maioritárias. Em contrapartida, 42% das empresas que empregam menos de 50 trabalhadores dizem ter menos de um mês de produção assegurada.

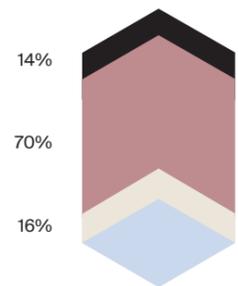
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS



PREÇOS EM PORTUGAL



PREÇOS NO ESTRANGEIRO



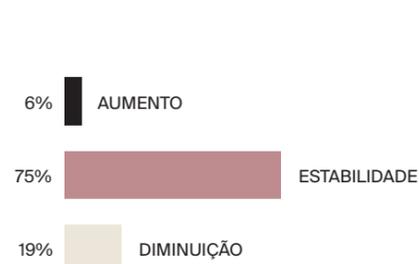
# preços

Também quanto aos preços parece registar-se uma tendência de normalização. A maioria das empresas considera que, ao longo do primeiro trimestre, os preços se mantiveram estáveis, tanto no mercado nacional (73%) como nos mercados internacionais (70%). No mercado nacional, as respostas negativas continuam a superar significativamente as positivas (s.r.e. -14 p.p.), mas quanto aos mercados internacionais o saldo de respostas extremas é já quase nulo (-2 p.p.), embora as empresas de menor dimensão se mostrem mais pessimistas.

# peessoas ao serviço

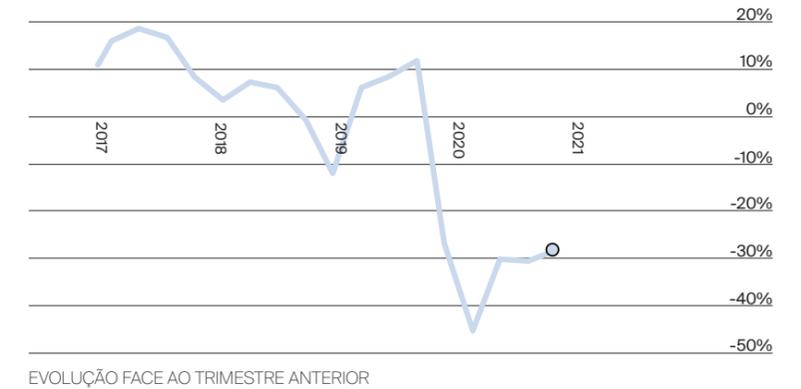
Embora a conjuntura se mantenha adversa, três quartos das empresas afirmam que o número de pessoas ao seu serviço não sofreu alteração. A tendência continua, no entanto, a ser para uma contração do emprego no setor, uma vez que, entre as restantes, foram mais as que indicaram uma diminuição no número de trabalhadores do que as que referiram o inverso (s.r.e. -13 p.p.). Ao contrário do habitual, neste trimestre, as empresas mais pequenas mostraram maior resiliência, com o saldo de respostas extremas a estar inversamente relacionado com a dimensão das inquiridas.

EMPREGO



# estado dos negócios

A apreciação que as empresas fazem do estado atual dos negócios é semelhante à que vem sendo feita desde o início da pandemia. A percentagem de empresas que consideram que o estado dos negócios foi bom subiu ligeiramente em relação ao trimestre anterior, passando de 12% para 16%, mas a percentagem das que o consideraram mau permaneceu elevada (46%). O saldo de respostas extremas mantém-se negativo (-30 p.p.), embora seja o melhor do último ano.

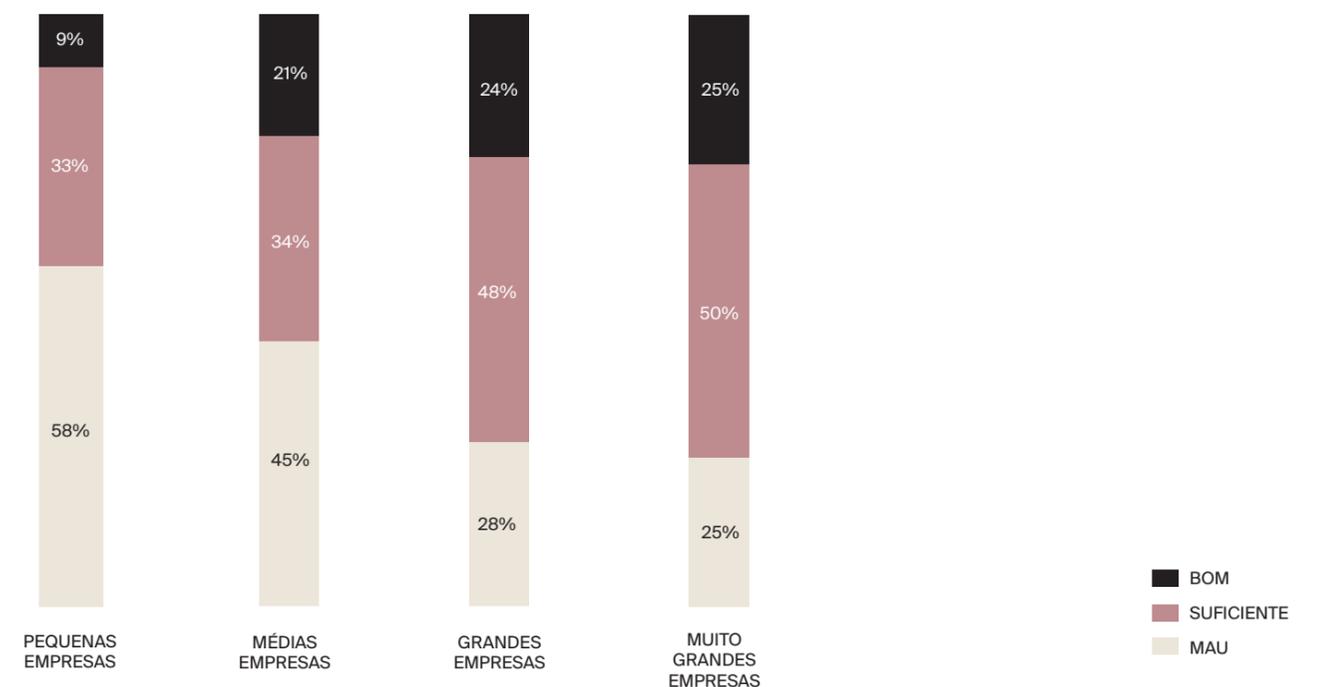


ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO



O desagravamento da conjuntura é patente na comparação com o trimestre homólogo do ano anterior: a percentagem de empresas que consideram que a conjuntura está melhor subiu de 9%, no final de 2020, para 20%, no início de 2021, por contrapartida de uma diminuição das que pensam que está pior, de 61% para 50%. Consequentemente, o saldo de respostas melhorou de -52 p.p. para -30 p.p.

A avaliação que as empresas fazem do estado dos negócios é tanto melhor quanto maior a sua dimensão. As empresas de pequena dimensão mantêm-se muito pessimistas, com a maioria (58%) a considerarem que o estado dos negócios é mau, mas nas empresas que empregam mais de 100 trabalhadores o saldo de respostas extremas é já praticamente nulo.



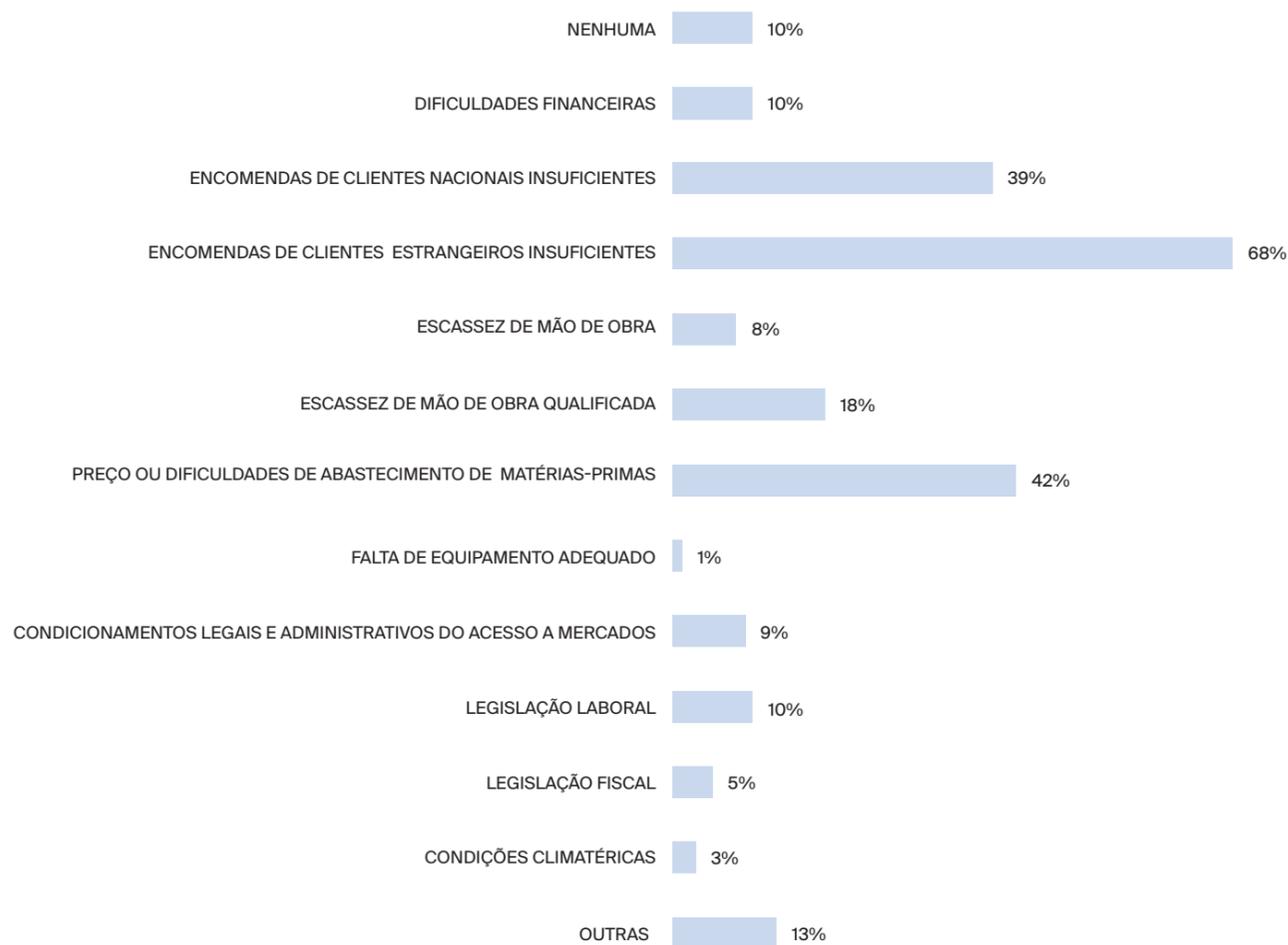
# limitações à produção e vendas

As respostas das empresas quanto às principais limitações à sua atividade são consistentes com um cenário de melhoria da conjuntura, verificando-se um abrandamento das preocupações com a escassez de encomendas e maior atenção ao abastecimento de fatores de produção.

Neste início do ano, a principal limitação à produção e vendas referida pelas empresas volta a ser a falta de encomendas de clientes estrangeiros. Contudo, regista-se uma melhoria gradual, desde há um ano, nesta matéria: as referências a este obstáculo atingiram um máximo de 82% no segundo trimestre de 2020, caíram para 75% no final desse ano e foram agora 68%. Também as referências à escassez de encomendas de clientes nacionais têm vindo a diminuir gradualmente, estando agora em 39%, consideravelmente abaixo do máximo de 47% atingido no segundo trimestre do ano passado.

Em sentido contrário, as referências ao “preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas” atingiram agora um máximo de 42% dos inquiridos, ascendendo à segunda posição entre as preocupações do setor. Ao contrário do habitual, as referências a este obstáculo atingem o máximo entre as empresas de grande dimensão, o que é compatível com o mencionado cenário de melhoria da conjuntura. Também as referências a escassez de mão-de-obra qualificada subiram para 18%, o nível mais elevado do último ano, embora a escassez de mão-de-obra, em geral, continue a suscitar pouca preocupação.

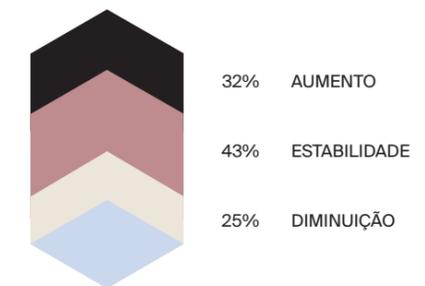
As referências a “outras” dificuldades, categoria que os inquiridos têm utilizado para assinalar dificuldades trazidas pela pandemia de COVID-19, caíram para menos de metade, passando de 30% no trimestre anterior para 13%, agora. Apesar dos sinais positivos evidenciados nas respostas analisadas anteriormente, a conjuntura continua a ser marcada por grandes riscos e dificuldades e, por isso, a percentagem de empresas que afirmam não enfrentar nenhuma dificuldade manteve-se em 10%, um nível baixo face ao histórico do setor.



# tendência da produção

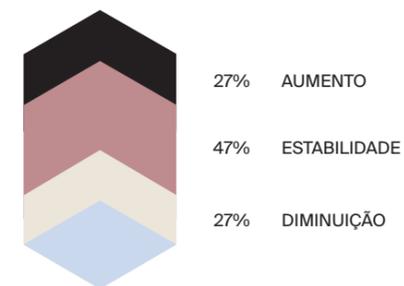
As empresas que esperam um aumento da produção no segundo semestre deste ano excedem em 7 p.p. as que receiam uma diminuição, o que corresponde ao primeiro saldo de respostas extremas positivo para esta previsão, não apenas desde o início da pandemia, mas, mesmo, desde o primeiro trimestre de 2019. Estas previsões não apresentam relação evidente com a dimensão ou orientação de mercado das empresas.

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

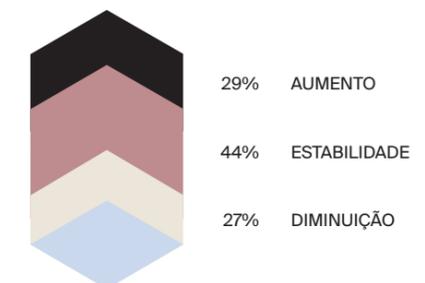


# perspetivas de encomendas

As empresas esperam por uma manutenção do nível da carteira global de encomendas: as que preveem o seu aumento são em igual número ao das que temem a sua diminuição. Quase metade das inquiridas (46%) afirma que a carteira se deverá manter estável. Para as encomendas do estrangeiro, as perspetivas são ligeiramente melhores, com 29% de indicações de um aumento e um s.r.e. positivo de 2 p.p. Também nesta matéria não há relação evidente entre a previsão formulada e a dimensão ou orientação de mercado das empresas.



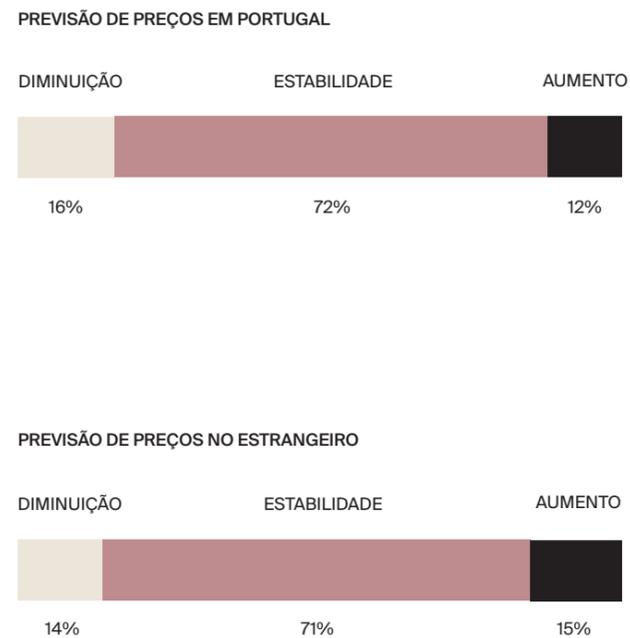
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO DA CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

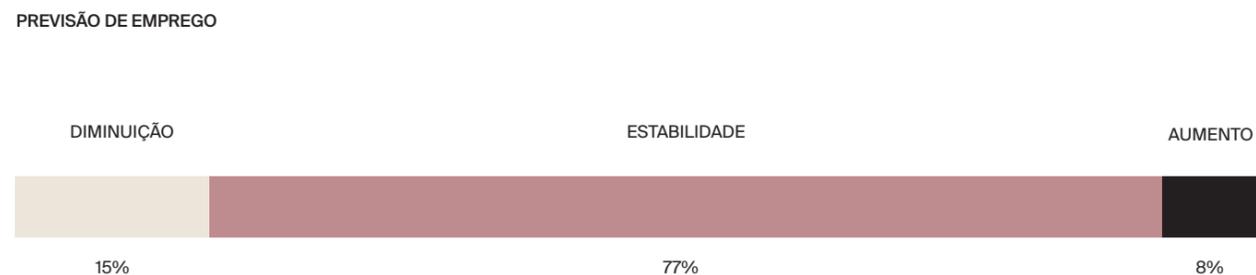
# perspetivas de preço de venda

Embora no primeiro caso o saldo de respostas extremas se mantenha negativo (-4 p.p.) e no segundo seja positivo (+1 p.p.), há uma clara melhoria nas previsões das empresas para os preços, tanto em Portugal, como no estrangeiro, uma vez que no trimestre anterior estes saldos eram acentuadamente negativos. Como habitualmente, a larga maioria dos inquiridos prevê a estabilidade dos preços (72% em Portugal e 71% nos mercados internacionais).



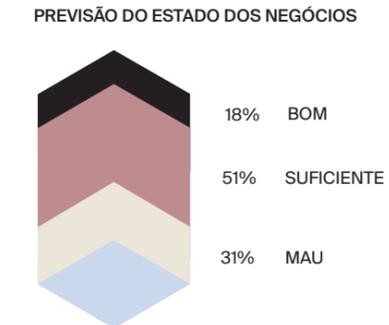
# perspetivas sobre o emprego

A maioria das empresas (77%) espera poder manter o número de pessoas ao serviço. Embora as que consideram poder vir a dispensar pessoas excedam em 7 p.p. as que pensam aumentar o número de colaboradores, este saldo tem vindo a melhorar sucessivamente desde o máximo negativo de -25 p.p. atingido no segundo trimestre de 2020. Este s.r.e. é negativo para todos os escalões de dimensão e orientação das empresas inquiridas, à exceção das empresas moderadamente exportadoras que não preveem nem aumento, nem diminuição do emprego.

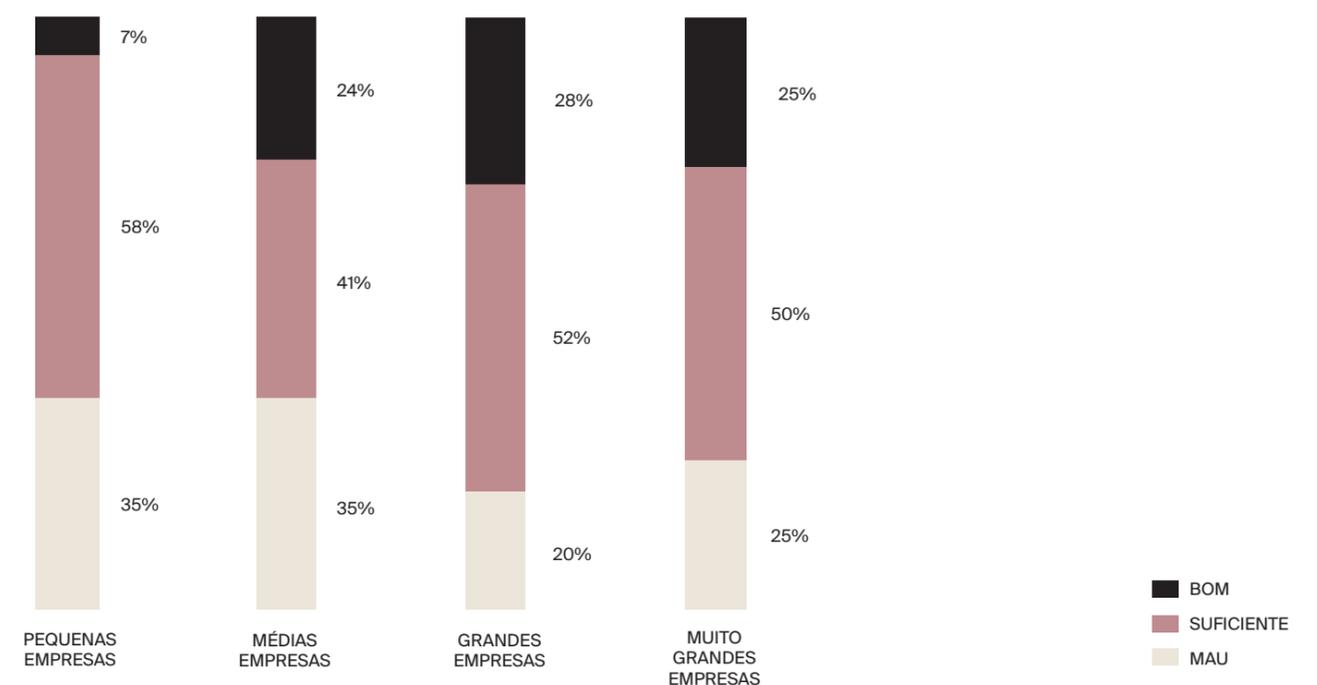


# perspetivas sobre o estado dos negócios

As perspetivas sobre o estado dos negócios são mais favoráveis que no trimestre anterior. A maioria dos inquiridos acredita que o estado dos negócios será suficiente e o saldo de respostas extremas (-13 p.p.), apesar de negativo, é o menos desfavorável desde o início da pandemia. Mais de um quarto das empresas (26%) preveem que o estado dos negócios no segundo trimestre seja melhor do que o verificado no mesmo período em 2020.



As previsões para o estado dos negócios não apresentam relação significativa com a orientação de mercado das empresas, mas estão positivamente relacionadas com a sua dimensão, particularmente quando formuladas em termos de comparação com o mesmo período do ano anterior: enquanto entre as pequenas empresas o saldo é ainda acentuadamente negativo (-24 p.p.), para as restantes classes de dimensão é positivo e para as muito grandes empresas atinge mesmo +25 p.p.

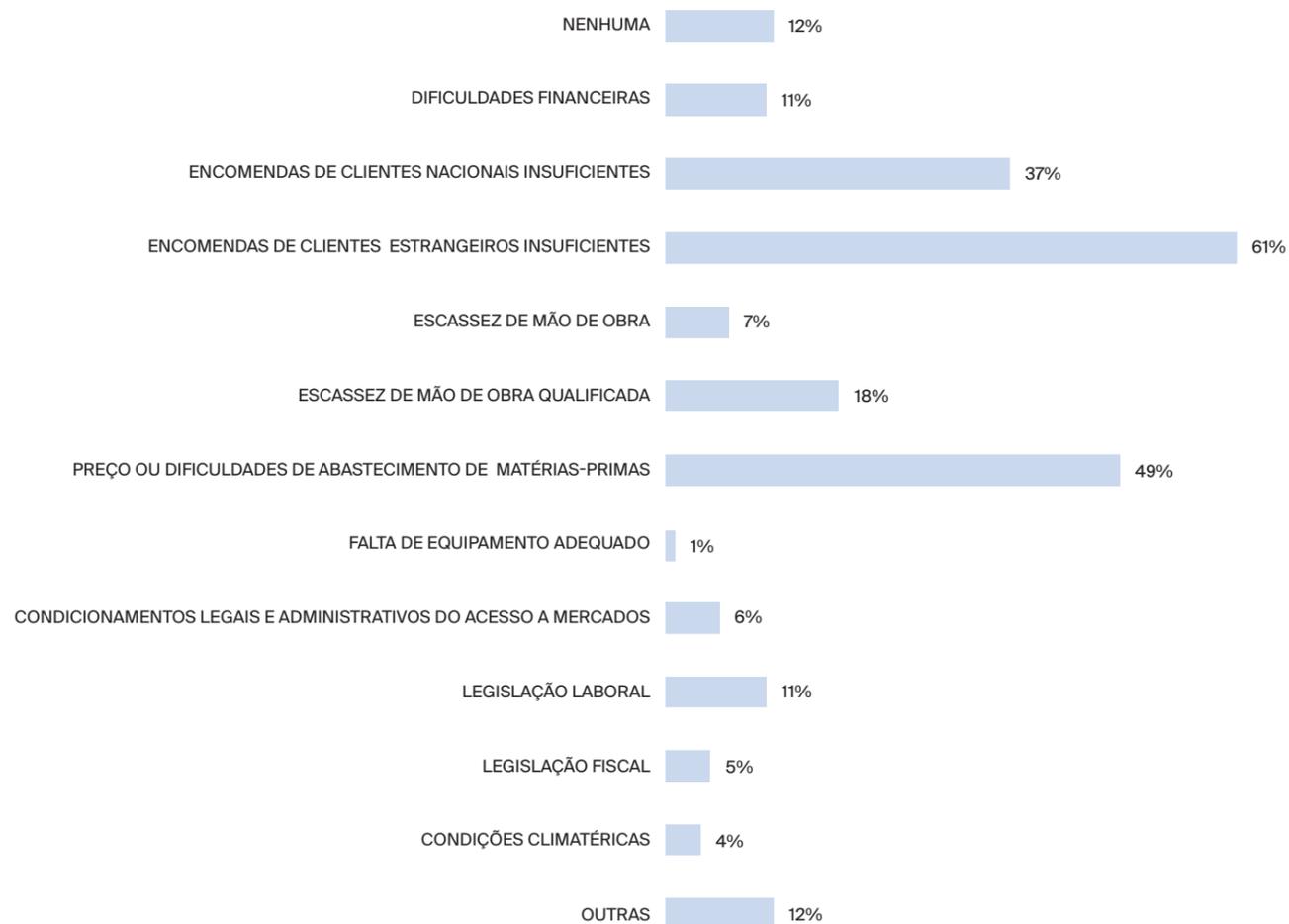


# limitações previstas

As limitações à produção e vendas previstas pelas empresas para o próximo trimestre continuam a tendência de melhoria das condições de mercado e agravamento de problemas relacionados com o abastecimento de fatores observada no início do ano.

As empresas preveem que a maior dificuldade continue a ser a insuficiência de encomendas quer de clientes estrangeiros (61%), quer de nacionais (37%). Contudo, a percentagem de empresas que as esperam vir a enfrentar é, nos dois casos, inferior à verificada no primeiro trimestre do ano. Em contrapartida, os problemas relacionados com o preço e dificuldades no abastecimento de matérias-primas são mencionados por 49% das empresas inquiridas, quando apenas 42% disseram tê-los sentido no trimestre transato.

Por comparação com o trimestre anterior, as previsões apontam ainda para ligeiros agravamentos dos problemas com a legislação laboral, com dificuldades financeiras e com as condições climatéricas e para melhorias, igualmente ligeiras, a nível da escassez de mão-de-obra, com condicionamentos legais e administrativos no acesso a mercados e com “outras” dificuldades não especificadas. 12% das empresas acreditam que não enfrentarão nenhuma dificuldade, o que corresponderia a uma melhoria face ao primeiro trimestre do ano.



# notas de conjuntura

De acordo com os dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística, no início do corrente ano a economia portuguesa continuou a contrair-se:

“O Produto Interno Bruto (PIB), em termos reais, registou uma variação homóloga de -5,4% no 1º trimestre de 2021 (-6,1% no trimestre anterior), refletindo os efeitos do confinamento geral decretado no início deste ano devido ao agravamento da pandemia COVID-19. (...) Comparativamente com o 4º trimestre de 2020, o PIB diminuiu 3,3% em volume, após o ligeiro aumento (0,2%) verificado no trimestre anterior, refletindo o impacto das limitações à mobilidade em consequência do agravamento da crise pandémica no início do trimestre. Os contributos da procura interna e da procura externa líquida para a variação em cadeia do PIB foram ambos negativos, sendo particularmente intenso no primeiro caso.”

Instituto Nacional de Estatística, Contas Nacionais Trimestrais (Base 2016) – Estimativa Rápida a 30 dias, 1º Trimestre de 2021, 30 abril 2021

A nível europeu, a evolução económica no trimestre foi menos desfavorável, sendo o desempenho da economia portuguesa o pior da União Europeia. O Eurostat informa que: “No primeiro trimestre de 2021, o PIB sazonalmente ajustado diminuiu 0,6% na área euro e 0,4% na UE, comparado com o trimestre anterior, de acordo com a estimativa rápida publicada pelo Eurostat, o gabinete estatístico da União Europeia. Estas reduções seguem-se a quedas no quarto trimestre de 2020 (-0,7% na área euro e -0,5% na UE) depois de uma forte recuperação no terceiro trimestre (+12,5% na área euro e +11,7% na UE) e das mais fortes quebras desde que esta série temporal começou em 1995 observadas no segundo trimestre de 2020 (-11,6% na área euro e -11,2% na EU).”

Eurostat, Euroindicators 58/2021, 18 maio 2021\*

Apesar de um primeiro trimestre desfavorável, o Banco de Portugal prevê que, no corrente ano e nos anos mais próximos, a economia portuguesa voltará a crescer: “As perspetivas para a economia portuguesa continuam a ser influenciadas pela evolução da pandemia. Ao longo do período 2021-23 projeta-se um crescimento económico de 3,9%, 5,2% e 2,4% (...). Os principais contributos para o crescimento económico no horizonte de projeção vêm das exportações e do consumo privado, que são as componentes que mais se reduziram. Antecipa-se uma recuperação rápida após o levantamento das medidas de contenção, mas desigual entre setores. A atividade deverá recuperar de forma robusta com o levantamento progressivo das medidas de contenção e com a disseminação das vacinas, desacelerando no final do horizonte de projeção. A atividade industrial tem sido mais resiliente, antecipando-se uma recuperação mais rápida. A recuperação dos serviços e, em particular, nas atividades ligadas ao turismo, cultura e entretenimento será mais gradual (...). O consumo privado cresce 2,0%, 4,8% e 2,3% em 2021-23, sendo a recuperação mais lenta nos segmentos de serviços que exigem interação social. (...) Por seu lado, as exportações de bens crescem 15,1% em 2021 – ultrapassando as de 2019 – e aumentam 4,9% e 3,2% em 2022 e 2023.”

Banco de Portugal, Boletim Económico, março 2021

A nível internacional, a incerteza continua a ser intensa, mas o Fundo Monetário Internacional acredita que os próximos anos serão de crescimento económico: “Uma grande incerteza rodeia as perspetivas globais. (...) Depois de uma contração estimada em -3,3% em 2020, projeta-se que a economia global crescerá 6% em 2021, abrandando para 4,4% em 2022. (...) As projeções para 2021 e 2022 são 0,8 e 0,2 pontos percentuais superiores às da previsão anterior (...) Para lá de 2022, projeta-se que o crescimento global abrande para 3,3% a médio prazo. (...) Como a trajetória da pandemia é tão incerta, é muito difícil quantificar a tendência dos riscos em torno da projeção central: os riscos abundam nos dois sentidos. (...) Os riscos a curto prazo são equilibrados, mas mais de sentido positivo num prazo mais longo.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, março 2021\*

# APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,  
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

COMPETE  
2020

PORTUGAL  
2020

